

## RESENHA DA OBRA “DELEUZE E A EDUCAÇÃO”

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2003. 118 pág. Coleção Pensadores e Educação.

Márcio Danelon\*

A obra *Deleuze e a Educação*, de Sílvio Gallo, é o terceiro volume da coleção Pensadores e Educação. O objetivo da coleção é trazer para a reflexão educacional filósofos que, a partir de suas obras e conceitos, possam trazer elementos para a reflexão da educação enquanto um saber multifacetário, dinâmico e inacabado.

O texto *Deleuze e a Educação* corrobora positivamente com o objetivo desta coleção, na medida em que traz os conceitos deleuzianos como chave de reflexão para o problema da educação. Corresponde, neste caso, a um projeto desafiador – conforme as próprias palavras do autor – e também, diria eu, também inovador. Desafiador pela própria essência do texto, e inovador porque Sílvio Gallo se propõe a trazer para a educação um filósofo cujo objeto de pesquisa nunca foi a educação. Com uma escrita acessível, porém nem um pouco superficial, o autor nos introduz, de forma competente, no universo dos conceitos daquele que define a filosofia como a arte de criar conceitos.

*Deleuze e a Educação* está dividida em duas partes. Na primeira, intitulada *Deleuze e a Filosofia*, Sílvio Gallo discorre sobre algumas das principais idéias do filósofo francês de forma rigorosa, porém bastante clara. Isto se constitui numa virtude importante deste livro, já que Deleuze, além de ser reconhecido pela sua vasta produção filosófica, também o é por ser um filósofo hermético, de difícil

---

\* Doutor em Educação pela UNICAMP e Professor de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

compreensão ou somente compreensível para os iniciados na filosofia. No primeiro capítulo, o autor situa o pensamento de Deleuze no concorrido cenário da filosofia francesa do século XX. Este cenário é marcado, por um lado, pela filosofia da vida de Bergson e por outro, pela fenomenologia de Husserl. Porém, se Bergson e Husserl tiveram papel decisivo na constituição do pensamento de Sartre – aquele que, talvez, tenha sido o principal filósofo francês do século XX – não foram eles que marcaram o pensamento de Deleuze. Pertencente à chamada geração de 68, Deleuze, segundo Sílvio Gallo, recebeu a influência decisiva do pensamento de Nietzsche, o filósofo maldito que marcaria, decisivamente, a geração de pensadores do gabarito de Foucault, Derrida, Lyotard. É tido como um clássico a leitura deleuziana da filosofia de Nietzsche, demarcada, fundamentalmente, em *Nietzsche e a Filosofia*.

No segundo capítulo, o autor nos apresenta Deleuze como o filósofo da multiplicidade. A multiplicidade se manifesta, conformem as palavras de Sílvio Gallo, na inspiração nietzschiana de

[...] inverter o platonismo. Em lugar de buscar as formas puras expressas numa única idéia, atentar para as miríades de detalhes da sensibilidade; em lugar de buscar a contemplação do Sol, divertir-se com as múltiplas possibilidades do teatro de sombras no interior da caverna. (p. 36)

O terceiro capítulo discorre sobre o conceito deleuziano de Filosofia. Trazendo para a reflexão a última grande obra de Deleuze, escrita juntamente com Guattari – *O que é a Filosofia?* –, o autor realiza uma explanação bastante adensada, com comentadores inclusive, sobre a definição da Filosofia como criação de conceitos. O conceito é,

[...] na visão dos filósofos franceses, [...] uma aventura do pensamento que institui um acontecimento, vários

acontecimentos, que permitam um ponto de visada sobre o mundo, sobre o vivido. O conceito é mais como um sobrevôo, como um pássaro que sobrevoa o vivido. (p. 45)

O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido, a partir das condições dadas e que opera no âmbito mesmo destas condições.

É na segunda parte do livro *Deleuze e a Educação* que Sílvio Gallo realiza sua escrita-inovadora em torno da filosofia de Deleuze. Como um pássaro que sobrevoa os conceitos do filósofo francês, pinçando aquilo que lhe é importante, transforma-os numa caixa de ferramenta, para novos sobrevôos em terrenos que não foram explorados por Deleuze. Nessa parte do livro, talvez, Sílvio se revele um deleuziano convicto, ou revele Deleuze como seu “personagem conceitual”. O que queremos dizer com isso é que Sílvio Gallo apropriou-se dos conceitos de Deleuze para pensar seus próprios problemas no campo da educação, ou seja, com Deleuze, seu “personagem conceitual” ir “[...] pensado a implicações de certos conceitos seus para o campo educacional”. (p. 11) Ora, Deleuze produziu conceitos, conceitos-ferramenta que nos permitem reler, reinterpretar, ressignificar o mundo, resolver novos problemas ou problemas mal resolvidos; produziu conceitos-dispositivos, operadores do mundo. Sílvio roubou, deleuzianamente falando, os conceitos do filósofo da multiplicidade para criar seus próprios conceitos e reler, reinterpretar ou resolver seus problemas com a educação.

Para o termo “roubo conceitual”, que empreguei acima, Sílvio Gallo opera com o conceito de *deslocamento*, ou seja, de “[...] tomar os conceitos de Deleuze e deslocá-los para o campo, para o plano de imanência que é a educação”. (p. 64) É a partir do conceito de Filosofia como criação conceitual que o autor produz seu primeiro deslocamento, com o título de *Filosofia da Educação como criação conceitual*. A proposta trazida pelo autor é fiel ao conceito da filosofia como criação de conceitos, na medida em que o papel da filosofia da educação também é criar conceitos que, nesse caso, dizem respeito à educação. De fato, o papel do filósofo da educação como aquele que cria conceitos, é o de pensar filosoficamente a educação,

o que significa instaurar, com seus conceitos, a instabilidade das verdades e certezas presentes no campo da educação.

No segundo deslocamento, o autor parte do conceito deleuziano de Literatura Menor, forjando o conceito de *Educação Menor*. Entendendo o conceito de literatura menor como aquilo “que uma minoria faz em uma língua maior” (p. 75), Sílvio Gallo propõe uma *Educação Menor*, em oposição a uma Educação Maior, assim caracterizada por ele:

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. (p. 78)

Em oposição a isso, uma educação menor seria:

[...] um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistências às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca de ratos, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzimos um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. (p. 78)

Com este referencial conceitual cedido por Deleuze, é possível ao autor de *Deleuze e a Educação* propor a idéia de uma educação menor como *máquina de resistência* contra as verdades e as certezas governamentais criadas em gabinetes muito distantes das relações reais e existenciais entre educandos e educadores.

O terceiro deslocamento parte do conceito de rizoma, fazendo interface com a educação, sob o título de *Rizoma e Educação*. Situando a produção do conhecimento, desde a criação da escrita, como um processo analítico da realidade, ou seja, para a compreensão da realidade, faz-se necessário a especialização por meio da disciplinarização do saber. A metáfora que ilustra a

estrutura deste conhecimento analítico é a *arbórea*. Em oposição ao paradigma arborescente, Sílvio Gallo faz uso do conceito deleuziano de *rizoma* para pensar a produção do conhecimento, não mais em forma hierarquizada, mas em multiplicidade:

Diferente da árvore, a imagem do rizoma não se presta nem a uma hierarquização nem a ser tomada como paradigma, pois nunca há *um* rizoma, mas rizomas; na mesma medida em que o paradigma, fechado, paralisa o pensamento, o rizoma, sempre aberto, faz proliferar pensamentos. (p. 93)

Na forma rizomática de produção do conhecimento, a sua transmissão não pode ser mais vertical ou mesmo horizontal: “Ao romper com essa hierarquia estanque, o rizoma pede, porém, uma nova forma de trânsito possível por entre seus inúmeros ‘devires’; podemos encontrá-la na *transversalidade*”. (p. 95) Em oposição à interdisciplinaridade, conceito recorrente nas escolas atuais e que não rompe com o paradigma arborescente, o autor propõe, a partir do conceito de rizoma, a produção de um saber de forma transversal:

[...] podemos apontar para uma *transversalidade* entre as várias áreas do saber, integrando-as, senão em sua totalidade, pelo menos de forma muito mais abrangente, possibilitando conexões inimagináveis por meio do paradigma arborescente. (p. 96)

O último deslocamento operado por Sílvio Gallo trabalha com o conceito de controle e educação. Usando o referencial teórico de Foucault, vai mostrando como a escola se tornou um mecanismo importante e eficiente de exercício de controle e de subjetivação, desde sua arquitetura, até as estruturas curriculares passando, necessariamente, pelo ordenamento burocrático/vertical. Na perspectiva de Deleuze, desde a segunda metade do século XX, a sociedade vem se transformando de sociedade da disciplina para sociedade do controle:

[...] estamos transitando das *sociedades disciplinares* analisadas por Foucault – que deram origem à prisão e à escola como conhecemos hoje – para as *sociedades de controle*, que certamente engendrarão novas instituições, assim como provocarão agudas transformações nas que conhecemos. (p. 104)

Essas sociedades de controle possuem como características instituições mais “abertas”, com uma aparente “autonomia” individual. Na sociedade de controle, a escola vai assimilando-se ao mundo do capitalismo, não mais para fornecer mão-de-obra qualificada, mas para refletir o modo de organização empresarial, ou o que Deleuze chama de “formação contínua” do “operário-aluno” e do “executivo-universitário”:

As reformas propostas pelos governos estaduais e pelo federal não são movidas apenas por um desejo e uma necessidade de uma *educação de qualidade*, ou, dito de outra maneira, o paradigma de *qualidade* assumido por eles é o da *qualidade total*, este totem do neoliberalismo que insiste em instaurar uma nova ordem mundial, sob seu absoluto e *transparente* controle. É assim que se propõe a avaliação contínua, a formação permanente, a parceria com as empresas e esses mecanismos para *melhorar* a qualificação do operariado brasileiro, a diminuição dos índices de reprovação e evasão escolar. (p. 110)

A partir da digressão em torno dos conceitos de Deleuze e dos deslocamentos efetuados por Sílvia Gallo, acreditamos que *Deleuze e a Educação* constitui-se num ótimo livro para pesquisadores – sejam de Filosofia, Pedagogia ou mesmo de outras licenciaturas – adentrarem na discussão em torno da Filosofia da Educação sob a ótica desse importante pensador francês.

Data de Registro 08/06/06

Data de Aceite 14/09/06